

## Índice

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| Primeira Parte. Ondas e Radiações | 9   |
| Segunda Parte. O Acidente Tóxico  | 117 |
| Terceira Parte. Dylarama          | 175 |
| Notas                             | 337 |

# 1

As carrinhas chegaram ao meio-dia, uma longa fila cintilante a serpentear pelos terrenos da faculdade, na ala oeste. Em fila indiana, abrandavam junto da escultura cor-de-laranja feita em vigas de ferro, contornavam-na e seguiam então para os dormitórios. Os tejadilhos vinham carregados de malas bem presas, cheias de roupas leves e pesadas. Traziam também caixas de cartão com cobertores, botas e sapatos, cadernos e livros, lençóis, almofadas, edredões; sacos-cama e tapetes enrolados; bicicletas, esquis e mochilas, selas inglesas e americanas, barcos pneumáticos. Os carros abrandaram e acabaram por parar. De dentro saltaram estudantes que correram logo às portas de trás para retirarem os mais variados objectos: aparelhagens estereofónicas, rádios, computadores, pequenos frigoríficos e fogões portáteis; caixas de discos e cassetes; secadores de cabelo e ferros de frisar; raquetas de ténis, bolas de futebol, *sticks* de hóquei e *lacrosse*, arcos e flechas; substâncias sujeitas a controlo, pílulas anticoncepcionais e preservativos, guloseimas ainda em sacos de supermercado: batatas fritas com sabor a alho e cebola, *nachos*, pastéis de amendoim, Waffelos e Ka-booms, rebuçados de fruta e pipocas com caramelo; chupa-chupas Dum-Dum, bolachas Mystic Mint.

Há vinte e um anos que todos os anos em Setembro assisto a este espectáculo. É invariavelmente um acontecimento extraordinário. Os estudantes cumprimentam-se com gritos cómicos e gestos estúpidos representando desmaios. Como sempre, o Verão de cada um esteve recheado de prazeres ilegais. Junto dos carros, ofuscados pelo sol, ficaram os pais: revêem-se na imagem dos seus, de partida em todas as direcções. A pele de todos conscienciosamente bronzeada. Rostos bem talhados e olhares maliciosos. Têm então uma sensação de renovação,

de reconhecimento da comunidade. As mulheres empertigadas e alerta, elegantes da dieta, sabendo de cor os nomes de toda a gente. Os respectivos maridos contentando-se em calcular o tempo, distantes, mas sem rabujar, com sensações de paternidade realizada. Dão a impressão de terem tudo e mais alguma coisa coberto por apólices de seguros. Esta concentração de carrinhas, mais do que qualquer outra coisa que poderiam fazer no decurso de um ano, mais do que liturgias ou leis, diz aos pais que eles são um grupo de gente que partilha entre si a mesma mentalidade, as mesmas ideias; que são um povo, uma nação.

Saí do meu gabinete e desci a colina em direção à vila. Na vila há casas com torreões e dois andares de varandas, onde as pessoas se sentam à sombra de áceres antigos. Há igrejas de estilo clássico grego e estilo gótico. Um manicómio de pórtico comprido, janelas de mansarda ornamentadas que sobressaem dos telhados. Estes são muito inclinados e rematados por um florão em forma de ananás. A Babette, eu e os miúdos, que ambos tivemos de casamentos anteriores, moramos ao fundo duma rua sossegada, naquilo que outrora foi uma área arborizada, entremeada de ravinas. Pelas traseiras passa agora uma auto-estrada, bastante afastada. Quando à noite nos instalamos na nossa cama de latão, ouvimos passar o trânsito esporádico, um murmúrio distante e uniforme que envolve o nosso sono. Como almas de mortos a tagarelar nas margens de um sonho.

Sou o director do Departamento de Estudos Hitlerianos da College-on-the-Hill. Em Março de 1968 inventei os Estudos sobre Hitler na América do Norte. Foi num dia frio e claro, com ventos intermitentes vindos de leste. Quando sugeri ao reitor que talvez fosse bom criar um departamento inteiramente votado ao estudo da vida e obra de Hitler, ele agarrou logo a oportunidade. Foi, desde o princípio, um êxito galvanizante. E o reitor manteve a sua carreira de conselheiro dos presidentes Nixon, Ford e Carter. Até morrer num acidente de teleférico na Áustria.

Na esquina da Fourth com a Elm os carros viram à esquerda para chegar ao supermercado. Agachada num carrinho, que mais parece um caixote, uma polícia de trânsito patrulha a zona à procura de automóveis mal estacionados, parquímetros que indiquem que os automóveis já excederam o prazo de estacionamento e selos caducados no pára-brisas. Nos postes de telefone de toda a vila há letreiros escritos à mão que referem cães e gatos perdidos. Alguns com caligrafia de criança.

## 2

A Babette é alta e bastante corpulenta. Tem qualquer coisa na expressão corporal que faz lembrar uma cilha ou um peso. O cabelo é uma radical esfregona loura, de um tom amarelo-acastanhado muito particular, a que dantes se chamava louro-sujo. Se a Babette fosse pequenina, o cabelo seria demasiado engraçadinho, demasiado forçado e enganador. Mas o tamanho dá-lhe um ar de algum modo sério. Mulheres do tamanho dela não planeiam coisas dessas. Falta-lhes artifício nas conспirações do corpo.

— Devias lá ter ido — disse-lhe eu.

— Onde?

— É o dia das carrinhas.

— Tornei a esquecer-me? Tinhas ficado de me lembrar.

— A fila este ano era tão comprida que ultrapassava a biblioteca de música e a estrada interestadual. Azuis, verdes, grenás, castanhas. Cintilavam ao sol que nem uma caravana no deserto.

— Sabes que preciso que me lembrem as coisas, Jack.

Desmazelada, a Babette tem no entanto a dignidade descuidada de quem está demasiado preocupada com assuntos mais sérios para se importar com o seu aspecto. Não que tenha grandes talentos, tal como o mundo geralmente os define. Reúne e trata das crianças, dá aulas num curso do programa de educação de adultos, pertence a um grupo de voluntários que lê em voz alta para pessoas cegas. Uma vez por semana lê para um sujeito chamado Treadwell, um velhote que vive à saída da vila. Chamam-lhe Old Man Treadwell como se ele fosse um ex-líbris do sítio, comparável a uma formação rochosa ou um pantanal. Lê-lhe o *National Enquirer*, o *National Examiner*, o *National Express*, o *Globe*, o *World* e o *Star*. O velhote exige uma dose semanal de mis-

térios do oculto. Como recusar-lha? O que eu quero dizer é que tudo o que a Babette faz fá-lo dando-me a doce sensação de ser recompensado. Faz-me sentir ligado a uma mulher de alma cheia, amante da luz do dia e de uma vida consolidada, o ambiente amalgamado de enxames de famílias. Passo o tempo a vê-la fazer tudo numa sequência calculada, com jeito, habilidade e aparente à-vontade. Nisso difere das minhas primeiras mulheres, todas com tendência para se sentirem distantes do mundo concreto — um grupinho de pessoas egocêntricas e nervosas, com ligações à comunidade das escrutinadoras.

— Não são as carrinhas que eu gostava de ter visto, eram as pessoas. Como é que são as pessoas? As mulheres vêm de saia escocesa plissada e camisola de tricô? Os homens de casaco canelado? E que raio é um casaco canelado?

— Ah, o dinheiro dá-lhes um ar confortável — disse eu. — Acreditem sinceramente que têm direito a ele. Isso dá-lhes uma espécie de saúde arrogante. Têm uma certa aura, resplandecem.

— Não consigo imaginar muito bem como é que a esse nível económico se morre — disse ela.

— Talvez a morte entre eles não seja a que nós conhecemos. São só documentos que passam de mão em mão.

— Não que a gente também não tenha uma carrinha.

— Sim, mas é pequena, cinzento-metalizada e com uma porta toda enferrujada.

— O Wilder?! — disse ela, no rotineiro ataque de pânico, bradando pelo filho, um dos dela, no pátio das traseiras sentadinho no triciclo.

A Babette e eu costumamos conversar na cozinha. A cozinha e o quarto são as principais divisões cá de casa, a origem, as cavernas do poder. Nisso somos iguais: tanto ela como eu consideramos o resto da casa um mero armazém de mobílias, brinquedos e todos os objectos fora de uso, herdados de casamentos anteriores e de vários grupos de crianças, presentes de ex-parentes, enfim, toda a tralha acumulada. Coisas, caixotes. Porque será que esses pertences transportam consigo um peso tão doloroso? Apegada a eles está uma escuridão, um mau agoiro. Fazem-me sentir cansado, não dos meus sucessivos falhanços ou derrotas, mas de algo mais geral, qualquer coisa de conteúdo e alcance enormes.

A Babette entrou com o Wilder e sentou-o no balcão da cozinha. A Denise e a Steffie desceram. Conversámos sobre aquilo de que iam precisar para a escola. Não tardou, chegou a hora do almoço. Entrámos

então num período de caos e barulho. Andámos às voltas, embirrámos um pouco uns com os outros e deixámos cair utensílios. Finalmente, satisfeitos com o que tínhamos conseguido sacar do frigorífico e dos armários (ou com o que arrancámos das mãos uns dos outros), sentámo-nos calmamente a espalhar mostarda ou maionese nos nossos alimentos de cores vivas. O ambiente era uma expectativa muito séria — a recompensa arduamente conquistada. A mesa estava cheia e a Babette e a Denise acotovelaram-se uma à outra duas vezes, embora nenhuma delas tivesse dito nada. O Wilder encontrava-se ainda sentado sobre o balcão, rodeado de embalagens abertas, bocados amarrotados de papel de alumínio, pacotes brilhantes de batatas fritas, tigelas de substâncias pastosas cobertas de película de plástico aderente, anéis e atilhos de «abertura fácil» e fatias de queijo cor-de-laranja em embalagens individuais. Heinrich, o meu único rapaz, entrou, observou a cena atentamente, desapareceu logo pela porta das traseiras.

— Não era este o almoço que eu tencionava comer — disse a Babette. — A sério, tinha pensado em iogurte e germen de trigo.

— Onde é que a gente já ouviu isso? — perguntou a Denise.

— Se calhar foi aqui mesmo — disse a Steffie.

— Ela está sempre a comprar coisas dessas.

— Pois é, que depois nunca come... — disse a Steffie.

— É que ela acha que, se continuar a comprá-las, tem de comê-las para se livrar delas. Como se se estivesse a enganar a si mesma.

— Ainda por cima, ocupam metade da cozinha.

— Sim, mas ela deita tudo fora, porque acaba por se estragar — disse a Denise — e a seguir volta tudo ao mesmo.

— Olhe-se para onde se olhar — disse a Steffie —, é o que se vê.

— Sente-se culpada por não as comprar. Sente-se culpada por comprá-las e não as comer. Sente-se culpada sempre que as vê no frigorífico e sente-se culpada quando as deita fora.

— É como deixar de fumar todos os dias — disse a Steffie.

Denise tinha onze anos e era uma miúda muito senhora do seu nariz. Todos os dias tinha de fazer pelo menos um protesto contra esses hábitos da mãe. Pareciam-lhe perigosos ou, por vezes, inúteis. Defendi a Babette: disse-lhe que eu é que estava a precisar de disciplinar a minha dieta. Lembrei-lhe que gostava imenso do aspecto da mãe, sugeri que num corpo volumoso havia sempre uma honestidade inerente, desde que o volume não fosse exagerado. As pessoas têm tendência para sentir imediata confiança numa pessoa grande.

Só que ela não andava satisfeita com as ancas e as coxas. Caminhava num passo apressado e todos os dias subia a correr as bancadas do estádio, no liceu de estilo neoclássico. Dizia-me que eu tinha a mania de fazer dos defeitos dela virtudes, porque fazia parte do meu feitio proteger da verdade aqueles que amava. A verdade escondia sempre alguma coisa, dizia a Babette.

O alarme contra incêndios disparou no andar de cima, para nos informar de que as pilhas tinham acabado, ou porque a casa estava mesmo em chamas. Acabámos de almoçar em silêncio.